



## COMPOSIÇÕES MUSICAIS DO POVO TREMEMBÉ DA BARRA DO MUNDAÚ, CANTADAS E DANÇADAS NO RITUAL TORÉM

Marcos Paulo Vasconcelos Maciel<sup>1</sup>

Prof. Dr. Raimundo Oswald Cavalcante Barroso<sup>2</sup>

Profa. Dra. Rosângela Couras Del Vecchio<sup>3</sup>

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Marcos Paulo Vasconcelos Maciel, Raimundo Oswald Cavalcante Barroso y Rosângela Couras Del Vecchio (2019): "Composições musicais do povo tremembé da barra do Mundaú, cantadas e dançadas no ritual Torém", Revista Caribeña de Ciencias Sociales (julio 2019). En línea

<https://www.eumed.net/rev/caribe/2019/07/composicoes-musicais.html>

### RESUMO

Os Tremembé da Barra do Mundaú, povo indígena habitante do litoral cearense, vêm resistindo e se reinventando com o passar de gerações. O objetivo deste trabalho é mostrar as músicas compostas por este povo, analisar a estrutura rítmica e melódica, além das relações das letras musicais com o dia a dia, crenças, lutas e história dos Tremembé. Faço ainda um breve histórico das lutas da etnia pela garantia dos direitos aos seus territórios, e do ritual Torém, realizado em seus encontros e festividades. No trabalho utilizo, principalmente, da pesquisa etnográfica, realizada durante as visitas que fiz à Terra Indígena dos Tremembé da Barra do Mundaú. Apresento aqui as transcrições das canções junto às suas letras. A gravação resultou na produção de um CD com músicas compostas pelos indígenas da etnia em estudo. Todo o material produzido visa ajudar a conservar as melodias e letras das composições, e poderá ser utilizado também como instrumento pedagógico nas escolas indígenas.

**Palavras-chave:** Tremembé. Indígena. Torém. Composições.

### RESUMEN

Los Tremembé de la Barra del Mundaú, pueblo indígena habitante del litoral cearense, vienen resistiéndose y reinventándose con el paso de generaciones. El objetivo de este trabajo es mostrar las canciones compuestas por este pueblo, analizar la estructura rítmica y melódica, además de las relaciones de las letras musicales con el día a día, creencias, luchas e historia de los Tremembé. También hago un breve historial de las luchas de la etnia por la garantía de los derechos a sus

<sup>1</sup> Licenciado em Música pela Universidade Estadual do Ceará

<sup>2</sup> Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1986); Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará; Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará; Pós-doutorado em Teatro, concluído na Escola de Teatro da UNIRIO; Professor da Universidade Estadual do Ceará

<sup>3</sup> Coordenadora Pedagógica da Pos-graduação da UniAteneu, Doutora em Administração pela Unida e Doutora em Educação pela Universidad Americana.

territórios, y del ritual Torém, realizado en sus encuentros y festividades. En el trabajo utilizo, principalmente, de la investigación etnográfica, realizada durante las visitas que hice a la Tierra Indígena de los Tremembé de la Barra do Mundaú. Presento aquí las transcripciones de las canciones junto a sus letras. La grabación resultó en la producción de un CD con canciones compuestas por los indígenas de la etnia en estudio. Todo el material producido pretende ayudar a conservar las melodías y letras de las composiciones, y podrá ser utilizado también como instrumento pedagógico en las escuelas indígenas.

**Palabras-clave:** Tremembé. Indígena. Torem. Composiciones.

### ABSTRACT

The Tremembe of Barra do Mundaú, indigenous people living on the coast of Ceará, have been resisting and reinventing themselves over the generations. The aim of this work is to show the songs composed by this people, to analyze the rhythmic and melodic structure, as well as the relations of the musical letters with the daily life, beliefs, struggles and history of the Tremembé. I also make a brief history of the ethnic struggles for the guarantee of the rights to their territories, and the Torém ritual, held in their meetings and festivities. In my work, I mainly use the ethnographic research carried out during my visits to the Tremembé Indigenous Land of Barra do Mundaú. I present here the transcriptions of the songs along with their lyrics. The recording resulted in the production of a CD with songs composed by the indigenous people of the study ethnicity. All the material produced aims to help preserve the melodies and lyrics of the compositions, and can also be used as a pedagogical instrument in indigenous schools.

**Keywords:** Tremembé. Indigenous. Torém. Compositions.

## 1 INTRODUÇÃO

Nós, Tremembé, acreditamos: em Deus, que é nosso Pai Tupã; na terra, que é nossa mãe; na mata, que é nossa vida; nas estrelas, que são nossas energias; no sol, que é nossa luz; no trovão e no relâmpago, que são nossas previsões; nas pedras e nos astros, que são nossas armas; no fogo, que é nossa visão, e em toda atmosfera. Vivemos da força da terra, que nos dá energia para lutar e vencer nossas batalhas, por isso, somos povo da luta, por isso, somos povo Tremembé. (Oração dos Tremembé)

É indiscutível a presença indígena, seja física ou cultural, na história do Ceará, assim como os traços que deixa em muitos de nossos costumes. Mas a sua trajetória aqui, como em todo o território nacional, está ligada muito mais à resistência às inúmeras formas de genocídio e etnocídio sofridas pela população indígena.

Esclavidão, doenças, discriminação e preconceito foram e são algumas das formas de oprimir o povo nativo, além do fato de ser expulso de suas terras para dar espaço a projetos desenvolvimentistas apoiados pelo Governo Federal.

Infelizmente, essa realidade parece cada dia mais difícil de ser mudada, considerando a busca do governo, seja qual for a instância, pela expansão da exploração dos recursos naturais, mesmo sendo, esses, localizados em terras habitadas desde muito tempo pelo povo indígena, ou até mesmo através de cortes nos recursos a serem destinados à manutenção dos direitos básicos desse povo. Enfim, são muitas questões a serem tratadas a fim de preservar a autenticidade cultural e a integridade de seus direitos como parte do povo brasileiro.

A gênese de um povo requer pesquisas aprofundadas, mas, o seu desenvolvimento e suas fusões podem ser estudados a partir do momento em que nos dispomos a observá-lo no espaço onde

vive e interrogá-lo a respeito de suas experiências. A capacidade de constituir arquivos, que preservem a memória da existência de um povo, possibilita que esta resista ao tempo e sirva de fonte de pesquisa para estudos posteriores. Diante de tal constatação, objetivo estudar as características musicais dos Tremembé da Barra do Mundaú, povo conhecido por sua forma de organização, sobrevivência e resistência, além da forte identidade cultural.

A diversidade e originalidade presentes nas músicas cantadas, tanto nos rituais como no dia-a-dia dos Tremembé, são dignas de quantos registros forem necessários para que nada se perca no tempo, e para que todos os interessados tenham conhecimento dessa riqueza.

Com esse trabalho pretendo ajudar na preservação desse patrimônio, acreditando que, o mesmo, poderá ser útil em futuras pesquisas.

Após a experiência de um trabalho acadêmico realizado com os índios Tapeba<sup>4</sup>, quando pude presenciar um pouco de suas vivências e registrar algumas de suas manifestações culturais, me veio o interesse em aprofundar as pesquisas relacionadas aos povos indígenas no Ceará.

É fundamental, para este tipo de trabalho, uma pesquisa etnográfica, tendo sido esta fundamental para descrever os hábitos, os costumes e, principalmente, a música do povo Tremembé.

A pesquisa foi feita através de algumas visitas ao povo Tremembé em seu território. Em uma das oportunidades, foi possível presenciar a festa mais tradicional daquele povo, a Festa do Murici e do Batiputá, em sua VIII Edição. Na ocasião pude acompanhar e observar, por dois dias, diversas expressões culturais mantidas por aquele povo, desde os preparos dos alimentos até as competições, que mantiveram as quatro comunidades em constante harmonia durante todo o período festivo.

Foi possível também registrar e participar do momento, que consiste numa das maiores riquezas dos Tremembé, o ritual do Torém, que atravessa várias gerações e mantém a identidade cultural que os difere dos demais povos indígenas.

A partir da primeira visita, surgiram novas ideias a fim de registrar de forma mais abrangente as músicas compostas por aquele povo e a utilização destas no seu dia a dia. Então surgiu a proposta de gravar as canções nativas dos Tremembé, e outras, que fossem usadas constantemente em suas festividades e rituais.

Além da estadia, que ocorreu tanto no acampamento como na casa de sementes, e da alimentação prontamente oferecida pelos indígenas nos dias em que estive nas terras Tremembé, tive a autorização para presenciar e registrar as festividades no dia-a-dia da tribo através de vídeos e fotografias. Conteí, ainda, com a colaboração de vários índios Tremembé, que responderam prontamente aos meus questionamentos e permitiram que eu gravasse depoimentos onde relatam sua história, falam de seu povo e da inspiração para a composição de suas músicas.

O primeiro capítulo fala sobre as terras indígenas Tremembé no Estado do Ceará, principalmente do território objeto de estudo que é o dos Tremembé da Barra do Mundaú, mostrando suas divisões, e a situação atual dos processos demarcatórios. Enfatiza, ainda, as lutas judiciais travadas entre os Tremembé e as empresas, que reivindicavam a posse das terras ocupadas, tradicionalmente, pelos indígenas.

No segundo capítulo, foram exploradas as histórias existentes por trás das canções compostas pelos índios Tremembé. É possível compreender o significado das letras, nas quais se percebe uma forte relação do povo indígena com sua terra e com a luta pela posse dela. Outras letras, ainda, falam da relação dos índios com seus encantados, padroeiros, com a sua dança, com a natureza e, principalmente, com seu dia a dia de trabalho.

Em anexo a esta monografia, estão todas as letras das composições existentes até a data final da pesquisa, e outras, advindas de outros povos, constantemente utilizadas nos rituais

---

4

Povo indígena situado no município de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza.

Tremembé. Estão anexas, também, as transcrições em partitura de algumas músicas, citadas no corpo do trabalho, além das partituras demonstrando as divisões rítmicas tocadas pelos instrumentos percussivos utilizados.

Importante lembrar, que as transcrições são representações do momento em que os cantos foram percebidos e que não condizem necessariamente com o que é expresso nos rituais. Sabe-se, que, eles são de livre expressão e compostos por momentos de transcendência impossíveis de serem descritos ou escritos em uma partitura, além de estarem em constante transformação no decorrer de gerações.

O terceiro capítulo traz uma análise mais musical, menos etnográfica, das músicas compostas pelos Tremembé da Barra do Mundaú. Apresento os instrumentos utilizados, a divisão rítmica tocada pelos torenzeiros, e a relação existente entre os sons emitidos pelos instrumentos e os passos na dança do Torém. Além disso, é descrito o processo de registro efetuado durante a pesquisa de campo, feito para a gravação de um CD com as músicas compostas pelos índios Tremembé, e outras que não são composições nativas, mas que são cantadas em seus rituais.

Entre os questionamentos previstos para serem respondidos durante a pesquisa, um dos principais diz respeito à existência de composições de novas canções indígenas. A resposta a tal questionamento foi registrada pela gravação dessas composições, e pela ciência de que outras ainda virão a ser compostas após a conclusão da pesquisa.

Até a finalização do trabalho, foi possível registrar pelo menos trinta canções compostas por índios Tremembé da Barra do Mundaú. Essas canções abordam temas diversificados que retratam a luta do povo pela terra, seus padroeiros, seus trabalhos como agricultores e pescadores, suas culturas de plantio, as características de suas terras, suas tradições ritualísticas, entre outros temas desenvolvidos, que dão significado único a cada canção.

Outro questionamento diz respeito à utilização da música no dia a dia da tribo, considerando que a prática musical está presente não só nos rituais, mas também nos momentos de trabalho ou em outras atividades realizadas pelos índios. Percebe-se, que a música representa para os Tremembé uma força responsável pela união, que os fortalece nos momentos de luta, e pela transcendência em seus rituais.

No decorrer do trabalho, essa questão é respondida através de depoimentos de índios Tremembé, que relatam sua história atual e de seus antepassados. Nos dias em que estive nas terras da tribo estudada, pude vivenciar a presença da música na tribo, comprovando na prática o que foi dito nas entrevistas realizadas.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O Povo Tremembé**

O povo Tremembé é exemplo de resistência na luta pela sobrevivência, de sua gente e da sua cultura, desde a chegada dos primeiros colonizadores. Após início do período colonial enfrentou diversas formas de repressão à sua existência e foi obrigado a passar por constantes adaptações no seu processo de resistência que perdura até os dias atuais.

Como consequência de constantes migrações, resultantes de diversos fatores externos, entre eles a própria seca, que já interferia diretamente em sua condição de nômade, a cultura advinda de seus ancestrais vai, no decorrer do tempo, sofrendo mutações a partir do contato com outras culturas, sejam elas indígenas ou não.

Muito da história indígena se conhece por meio de documentos escritos pelos colonizadores, principalmente sobre as alianças, conflitos e aldeamentos. Os aldeamentos feitos pelos jesuítas nos ajudam a entender também as atuais localizações dos indígenas.

Segundo Pompeu Sobrinho (1951), os Tremembé ocupavam uma área litorânea que se estendia desde o atual estado do Pará ao Ceará, isso nos séculos XVI e XVII. A partir do século XVIII, com a criação dos aldeamentos (destaque para a missão do Aracati-mirim, no Ceará, que hoje

compreende a região ocupada pela etnia pesquisada), a presença de índios passa a ser mais centralizada. Em 1766 a missão é rebatizada de Almofala.

No final do século XIX acontece outro fato relevante na história do povo de Almofala. Dessa vez, a ação das dunas que chegaram a cobrir completamente a igreja, batizada de Nossa Senhora da Conceição, por mais de trinta anos e que hoje é tombada como patrimônio histórico. Na ocasião esse fato foi responsável pela saída dos habitantes dali para áreas próximas. Apenas a partir de 1940, mais uma vez com a ação dos ventos e ajuda dos moradores que se juntavam para tentar remover a areia, as dunas foram deslocadas e a igreja ressurgiu fazendo com que a área voltasse a ser habitada, tanto por índios como por latifundiários que pretendiam explorar suas terras.

O trabalho de Souza (1983) aborda as migrações da população de Almofala. A socióloga afirma que pelos idos da década de 60 do século XVIII, o então capitão mor da província ordenou a transferência do grupo para o aldeamento de Soure, que atualmente corresponde à cidade de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza. Entretanto, essa tentativa de transferência provocou uma dispersão de grande parcela do grupo pelo litoral do estado, embora uma parte tenha voltado a se fixar em Almofala. (Gondim, 2010, p. 28)

Ainda hoje Almofala é a terra indígena Tremembé que concentra maior número de indígenas e de comunidades. Não vamos nos aprofundar em sua história por não ser a terra onde o estudo se aplica, utilizando-a mais como referência histórica para situar o povo Tremembé em sua linha histórica.

Atualmente, o povo Tremembé está presente em quatro territórios, em três cidades do Estado do Ceará, sendo as cidades: Acaraú (a 255 km de Fortaleza), Itarema (a 204 km de Fortaleza) e Itapipoca (a 122 km de Fortaleza). Essas terras são nomeadas como: Córrego João Pereira, Almofala, Queimadas e Barra do Mundaú. Cada território divide-se em comunidades.

Essa pesquisa refere-se à T.I.<sup>5</sup> Tremembé da Barra do Mundaú. Terra litorânea localizada no município de Itapipoca e que se divide em quatro comunidades, sendo elas: Buriti, Buriti do Meio, Munguba e São José.

### 2.1.1 Os Indígenas e Suas Relações Com a Terra

O direito indígena às suas terras está previsto em lei, desde o início do processo de colonização.

Ainda no século XVII, a Coroa Portuguesa havia editado diplomas legais que visavam coadunar o processo de colonização com o resguardo de direitos territoriais dos povos indígenas, a exemplo do Alvará Régio de 1680, primeiro reconhecimento, pelo ordenamento jurídico do Estado português, da autonomia desses povos, seguido da Lei de 06 de junho de 1755, editada pelo Marquês de Pombal. Juntos, esses diplomas reconheceram o caráter originário e imprescritível dos direitos dos indígenas sobre suas terras, compondo o que o Direito Brasileiro dos séculos XIX e XX chamou de instituto do indigenato, base dos direitos territoriais indígenas posteriormente consagrados no art. 231 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB). (FUNAI, 2017)

Na constituição brasileira esse direito também é previsto desde as primeiras convenções constituintes. Primeiramente através da Lei nº 601 de 1850 (Lei de Terras), do Decreto 1318, de 30

de janeiro de 1854 que a regulamenta, e da Lei nº 6.001/73 (Estatuto do Índio) que acumula alterações desde a constituição de 1934 até 1988.

Mas, apesar do amparo legal, a posse das terras indígenas têm sido objeto causador de muitos conflitos. Muitos deles resultaram em verdadeiros massacres contra os índios, e só através de longas disputas judiciais têm sido possível alcançar as demarcações e homologações de territórios. Isso, após muitos anos em trâmite pelas diversas instâncias judiciais. Nesse sentido podemos apontar, ainda, as diversas fases que decorreram desde o reconhecimento do povo indígena até a última etapa do processo demarcatório, com a homologação da demarcação, a cargo da Presidência da República.

Após a homologação ainda ocorrem outras fases, tendo em vista garantir o registro das terras, assim como a interdição das áreas, conforme é descrito no site da FUNAI.

- i) Estudos de identificação e delimitação, a cargo da Funai;
- ii) Contraditório administrativo;
- iii) Declaração dos limites, a cargo do Ministro da Justiça;
- iv) Demarcação física, a cargo da Funai;
- v) Levantamento fundiário de avaliação de benfeitorias implementadas pelos ocupantes não índios, a cargo da Funai, realizado em conjunto com o cadastro dos ocupantes não índios, a cargo do Incra;
- vi) Homologação da demarcação, a cargo da Presidência da República;
- vii) Retirada de ocupantes não índios, com pagamento de benfeitorias consideradas de boa-fé, a cargo da Funai, e reassentamento dos ocupantes não índios que atendem ao perfil da reforma, a cargo do Incra;
- viii) Registro das terras indígenas na Secretaria de Patrimônio da União, a cargo da Funai; e
- ix) Interdição de áreas para a proteção de povos indígenas isolados, a cargo da Funai. (FUNAI, 2017)

Apesar de não descrevermos em detalhes as etapas, pois não se trata do objetivo do trabalho, mas é importante pontuar que cada uma delas pode durar anos para ser iniciada e apreciada pelas autoridades políticas responsáveis pelos processos, principalmente se envolver a necessidade de utilizar muitos recursos financeiros, seja para compra de territórios ou pagamentos de benfeitorias.

A demora entre cada etapa do processo demarcatório acarreta sérios danos ao meio ambiente, visto que as terras ficam desprotegidas e passam a ser alvo de explorações desordenadas ocasionando grandes perdas, tanto na fauna quanto na flora. Afinal, essa é uma das principais vantagens a ser obtida pelas demarcações. Segundo estudos da FUNAI, os menores índices de desmatamento encontram-se em terras indígenas, o que garante a preservação de diversas espécies, tanto animais como vegetais, e até de ecossistemas como mangues, florestas e dunas. Além disso, as demarcações garantem a sobrevivência de uma grande diversidade de povos nativos, o que torna a sociedade muito mais rica em culturas e etnias.

Terra Indígena	Município	População Total	Procedimento Demarcatório
Córrego João Pereira	Acaraú	193	Homologada
	Itarema	2.258	
Tremembé de Queimadas	Acaraú	282	Declarada

Tremembé de Almofala	Itarema	2.258	Delimitada
Tremembé da Barra do Mundaú	Itapipoca	580	Declarada

## 2.2 Os Tremembé e as Conquistas da Terra

Como os demais povos, os Tremembé também precisaram, e ainda hoje precisam, buscar na justiça o direito ao seu território, pois todas as terras reivindicadas estavam sob posse de posseiros, de empresas que adquiriram de posseiros ou simplesmente expulsaram os nativos para usufruir os recursos existentes.

Entre as ações contra os Tremembé, podemos citar o ocorrido com os Tremembé de Queimadas, que tiveram terras desapropriadas em uma área extensa pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), onde pretendia construir o Perímetro Irrigado do Baixo Acaraú. O conflito se inicia no final dos anos 80, com o início do processo de desapropriação das terras, e se intensifica, no ano 2005, com a expedição de uma ordem judicial para desocupação da área.

Com o apoio de indígenas de várias outras localidades, FUNAI, MPF, entre outros, conseguiu-se que o DNOCS retrocedesse e que as obras fossem paralisadas até que fosse realizado um estudo antropológico.

Os Tremembé do Córrego do João Pereira chegaram às suas terras como resultado de uma migração quando fugiam de uma seca que atingiu a região de Almofala. Os conflitos acontecem inicialmente com a família Teixeira, que entrou com uma ação contra os indígenas, pelo fato de eles não trabalharem para a família e ocuparem terras, que a pertenceriam, sem pagar renda. Adiante, outras famílias vêm a fazer parte na disputa das terras em questão. Na ocasião o líder Tremembé Patriarca foi o responsável por buscar apoio junto a uma ONG, para apelar pela interferência da FUNAI a fim de conseguirem mudar a situação fundiária relacionada às terras em disputa.

Em 2003, a Terra Indígena Tremembé Córrego do João Pereira foi a primeira a ser homologada no Estado do Ceará.

Art. 1º Fica homologada a demarcação administrativa, promovida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, da terra indígena destinada à posse permanente do grupo indígena Tremembé, a seguir descrita: a Terra Indígena denominada Córrego João Pereira, com superfície de três mil, cento e sessenta e dois hectares, trinta e nove ares e um centiare e perímetro de vinte e sete mil, quatrocentos e trinta e nove metros e vinte e três centímetros, situada nos Municípios de Itarema e Acaraú, no Estado do Ceará [...]. (Decreto de 5 de maio de 2003)

Apesar de ser o território com maior quantidade de índios Tremembé, o povo indígena de Almofala não escapou de precisar lutar por sua terra.

A luta do povo Tremembé pela posse de sua legítima terra tem sido uma briga acirrada desde a década de 1970. Seu início foi marcado com grande revolta a partir da instalação da empresa Ducoco Agrícola S/A na área da Mata e a invasão de posseiros na área da Praia. Essa invasão provocou grandes mudanças na vida dos Tremembé, a começar pela destruição das matas, o soterramento de lagoas e a derrubada de várias casas. Isso fez com que os Tremembé mudassem completamente o seu jeito de viver. (Cabral, 2014, p. 21).

O principal conflito dos Tremembé de Almofala é com a empresa Ducoco Agrícola S/A, e os processos na justiça já se arrastam há décadas sem que haja decisão definitiva para nenhuma das partes. Mesmo depois de os Tremembé conseguirem que as terras fossem reconhecidas pela FUNAI

como “terra indígena”, em 1993, a empresa Ducôco fez com que a demarcação fosse anulada na justiça, alegando ter os títulos de domínio da área datados desde 1916, sendo assim anteriores à Constituição de 1934. Art. 129 – Será respeitada a posse de terras de silvícolas que nelas se achem permanentemente localizados, sendo-lhes, no entanto, vedado aliená-las. (Constituição Federal, 2003)

Estes são apenas alguns exemplos documentados das lutas enfrentadas pelo povo Tremembé, assumindo a possibilidade de terem acontecido outros conflitos no decorrer da história sobre os quais ainda não existam registros. Importante ressaltar também que os exemplos citados são de apenas uma etnia e que a realidade da luta pela posse de terras é vivenciada por todas as etnias de povos tradicionais no Brasil.

[...] a realidade é que todas as comunidades tradicionais que reivindicam direito à terra por elas ocupadas se deparam com a ação de grandes empreendimentos cujos interesses representam o principal entrave para a garantia dos seus direitos, na medida em que suas reivindicações ferem os interesses do mercado. Ao ganharem a posse efetiva de suas terras, automaticamente estas saem do mercado, posto que terras de uso tradicional não podem ser vendidas, contrariando interesses de um sistema econômico que pretende abarcar as comunidades tradicionais, à revelia de seus desejos e impossibilitando a sobrevivência desses povos de acordo com modos de vida tradicionais. (Gondin, 2010, p. 40-41)

Na Terra Indígena objeto de estudo, dos Tremembé da Barra do Mundaú, a briga judicial foi dos índios Tremembé contra um empreendimento hoteleiro e durou anos, até que fosse dada a posse das terras aos indígenas e iniciado o processo de reconhecimento e demarcação do território em questão.

Um empreendimento hoteleiro de um grupo espanhol denominado Cidade Nova Atlântida planejava construir, em terras tradicionalmente ocupadas pelos índios Tremembé da Barra do Mundaú, 28 hotéis cinco estrelas, três campos de golfe, cinco marinas nas margens do manguezal e seis condomínios residenciais. Os estudos para a implantação dessa estrutura faraônica não levaram em conta a presença indígena, os impactos cumulativos, nem muito menos os custos sociais, ecológicos e culturais às comunidades tradicionais (Meireles, 2004, p.10).

Como em outros momentos históricos, a oferta de vantagens oferecidas pelos não índios acarretou em divisão dentro do povo indígena. Esta ação interferiu até mesmo no reconhecimento do próprio povo como sendo índio ou não, visto que, aqueles que recebiam vantagens por parte da empresa, como empregado ou prestador de serviço, negavam suas raízes e apoiavam os planos da empresa, mesmo que isso acarretasse na perda definitiva de suas terras. Enquanto isso, a maior parcela da etnia se uniu e resistiu, o que gerou tensões, até mesmo entre familiares onde as opiniões divergiam.

Em uma das visitas aos Tremembé da Barra do Mundaú conversei com o Tremembé Ezequiel. Ele relatou os primeiros contatos dos espanhóis com intenção de construir um resort nas terras tradicionalmente ocupadas pelo povo Tremembé. Segundo ele, a empresa contratava índios a um alto preço e presenteava a comunidade, no intuito de agradar e convencê-los a aceitar que a construção do empreendimento traria benefícios. Porém, o projeto proposto por eles limitava a comunidade indígena a um pequeno território e oferecia, como contrapartida, empregos nos hotéis a serem construídos.

Como se não bastasse gerar um conflito dentro da comunidade, os empresários conseguiram apoio do Governo do Estado e dos padres e bispos das paróquias do município de Itapipoca. Ambos procuraram as lideranças do Povo Tremembé da Barra do Mundaú a fim de convencê-las a aceitarem o acordo proposto pelos empresários. Sobre isso, o mesmo relata sentimento de revolta pelo fato da Igreja não ter ficado do lado do povo nativo, lembrando ainda os prejuízos causados pela Igreja desde o período da colonização.

Nessa conversa, ele relata as primeiras repressões vindas da parte dos empreendedores do resort, quando, em uma oportunidade, aproveitaram a ausência dos índios, em virtude de um evento, e mandaram pôr fogo nas barracas construídas no processo de retomada da terra.

A partir desse fato, os Tremembé registraram denúncias no Ministério Público a fim de apurar as responsabilidades sobre o ocorrido, o que resultou em um processo que impediu a empresa de atuar no território em questão. Com a saída da empresa, os que eram beneficiados por ela, fossem índios que não se reconheciam ou moradores de comunidades vizinhas, passaram a realizar ações contra o povo que resistia em prol de seu reconhecimento como etnia indígena.

O mesmo índio relatou as constantes provocações e ameaças feitas contra os indígenas que apoiam a defesa da Terra, e aponta que esses fatos podem vir a ser prejudiciais ao processo demarcatório, caso um índio Tremembé venha a reagir com violência às provocações.

### 2.3 Tremembé da Barra do Mundaú

O nome que essa etnia recebe carrega muito de sua história, e dos seus modos de sobrevivência, aos constantes ataques sofridos no decorrer de muitos anos de sua existência.



Figura 1 – Demarcação da T.I. Tremembé da Barra do Mundaú.  
Fonte: Imagem retirada do site da FUNAI

*[...] Tremembé significa tremedal. A história que a gente conta da colonização que o tremedal é uma laminha dura que você pensa que é segura e quando você vai passar nela ela afunda e você desce. O tremedal tem essa parte todinha que a gente não entra dentro porque se entrar afunda, e é um lugar que mora muita cobra. Na colonização, nossos índios, nossos anciões sabiam do caminho mais duro, e quando os colonizadores chegavam pra matar, de bala, espingarda, os que se sentiam pressionados (índios) saíam das ocas e corriam para dentro do tremedal, sabendo o caminho. Já eles que vinham (os colonizadores), que não sabiam, partiam e quando chegavam dentro do tremedal iam só afundando. E aí tem a nossa história que morreram muitos que afundavam, não tomavam fôlego e morriam asfixiados em baixo. E os nossos parentes atravessavam para o outro lado pra não morrer, e aí surgiu o nome da etnia Tremembé. (Ezequiel, índio Tremembé)*

Segundo as fontes SIASI (Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena) e SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) a população na Terra Indígena em estudo no ano de 2014 era de 580 índios. Esses compõem quatro comunidades sendo essas: São José, Buriti, Buriti do Meio e Munguba. Suas principais lideranças são as índias Adriana Carneiro de Castro e Erbene Rosa.

As comunidades compartilham da escola indígena Brolhos da Terra, que abrange da educação infantil ao ensino médio, inaugurada em 3 de setembro de 2010. Vivem em constante harmonia, principalmente no que diz respeito às mobilizações em prol das causas indígenas.

Uma de suas principais riquezas é o rio Mundaú, que dá nome ao território. Historicamente, um rio é sinônimo de abundância e prosperidade. O rio Mundaú possibilita o sustento daqueles que dependem da pesca, além de ser fonte de vida para as variadas espécies animais e vegetais existentes ali.

Nos dias de hoje a Terra Indígena dos Tremembé da Barra do Mundaú tem uma área equivalente a quatro mil hectares, sendo já declarada e em processo de levantamento de benfeitorias.

Vale ressaltar que todos os processos referentes às terras indígenas são lentos e, no caso dos Tremembé da Barra do Mundaú, existe ainda a resistência dos não índios que insistem em não aceitar sair das terras.

Esse processo de levantamento de benfeitorias é obrigatório para a homologação da demarcação. Durante a pesquisa, houve casos em que os agentes responsáveis por esse levantamento teriam sido ameaçados, o que os levou a desistirem de dar continuidade ao procedimento.

Os indígenas aguardam agora por uma ordem judicial que intervenha nesse levantamento de benfeitorias, a fim de dar continuidade aos procedimentos necessários à homologação do território por decreto presidencial.

## 2.4 A Música Composta Por Inspiração Divina

As diversas músicas compostas pelos Tremembé trazem em suas letras muito de sua história, costumes, e, principalmente, de sua luta. É notável a busca pelas forças espirituais a fim de unir o Povo contra as dificuldades enfrentadas.

No período da pesquisa foi possível registrar composições de pelo menos três índios Tremembé, que passam as músicas de maneira improvisada, geralmente utilizando gravações pelo celular, para os demais do povo para que nos encontros todos cantem juntos.

Posso citar como principal compositor o índio José Silvestre do Nascimento, mais conhecido por Zé Canã, responsável por compor 24 canções que retratam o lugar onde vive desde sua infância e o transcorrer de toda sua luta pelo reconhecimento e valorização de sua cultura.

### 2.4.1 A Inspiração Advinda do Pai Tupã

Em uma das visitas ao Povo Tremembé da Barra do Mundaú tive a oportunidade de ouvir do próprio Zé Canã suas primeiras inspirações e o surgimento das primeiras canções. Ele conta que no ano 2005, em um encontro indígena, sentiu-se incomodado em cantar músicas que já haviam sido cantadas por outras tribos, principalmente pelo fato dessas músicas não refletirem a cultura local do seu Povo. A partir desse primeiro incômodo ele pediu a Deus, ao pai Tupã, aos encantados, à mãe Tamarinda, que é a índia Tapuia, que dessem a cada um dentro da comunidade o dom, a sabedoria, para compor músicas que refletissem os valores da própria terra. A bênção divina veio a cair sobre o próprio pedinte que, a partir dali, sentiu-se capacitado a compor músicas.

*[...] graças a Deus é uma energia muito forte, eu tenho muito orgulho de Deus me deu essa força e com meus companheiros de luta nós graças Deus aqui nós 'tamo'. E a nossa inspiração é isso que eu falei, através da minha infância, da minha história e dos outro povo que já morreram e deu a energia, que é nossos antepassado, os espiritual também, que a gente também trabalha nisso aí, que dá força a gente. (Zé Canã, índio Tremembé - sic)*

Um fato muito interessante a respeito do Zé Canã, compositor de músicas do Torém, é que sua inspiração supera a barreira do conhecimento da língua portuguesa. Analfabeto, o mesmo relata

saber escrever apenas o próprio nome, desconhecendo a leitura e a escrita. Sobre isso ele ressalta a importância da participação da sua esposa que o ajudou com as letras das canções.

#### 2.4.2 A História Por Trás Das Primeiras Composições

Zé Canã conta que as primeiras composições começaram a surgir um dia, quando estava procurando uns espinhos com a esposa. Ele começou a fazer os primeiros 'pés' das músicas, levando dias para dar continuidade. No primeiro momento ele não dizia a ninguém, só repassava as músicas para os outros índios quando tinha duas ou três prontas, na hora dos rituais do Torém. O compositor relata também uma forte relação entre suas composições e suas cabras, dizendo que todas as composições foram criadas nas dunas onde ficavam suas cabras quando ia buscá-las.

Certamente, um dos fatos que mais inspiraram o índio compositor Zé Canã foi a luta dos Tremembé contra um grupo espanhol, já mencionado nesse trabalho, que se dizia dono das terras e pretendia construir um grande empreendimento hoteleiro naquela área, ocupada tradicionalmente pelo povo indígena.

Uma das composições de Zé Canã que posso citar é "Nasci ali nas baixas", que fala do interesse em tirar a empresa das terras do povo Tremembé, no intuito de poder trabalhar nos roçados sem se preocupar em sofrer algum tipo de represália ou ameaça da parte dos interessados no território.

### Nasci Ali nas Baixa

Zé Canã

Voice

Eu nas - ci a - li nas bai - xa me cri - ei no São Jo-  
 -sé Eu nas - ci a - li nas bai - xa me cri - ei no São Jo-  
 -sé ta - mu lu - tan - do con-traem- pre-sa se - ja lá'o que Deus qui- ser. Se - ja...

Transcrição feita pelo autor.

*Eu nasci ali nas baixa  
 me criei no São José  
 Eu nasci ali nas baixa  
 me criei no São José  
 'Tamu' lutando contra a empresa  
 Seja lá o que Deus quiser  
 Seja lá o que Deus quiser,  
 São José e Buriti  
 Seja lá o que Deus quiser,  
 São José e Buriti  
 'Tamu' lutando contra a empresa  
 pra tirar ela daqui  
 Se nós tira ela daqui  
 nós fica despreocupado  
 Se nós tira ela daqui  
 nós fica despreocupado  
 'Vamo' trabalhar é livre,  
 lá dentro, nosso roçado  
 'Vamo' trabalhar é livre,*

*lá dentro, nosso roçado  
Lá dentro nosso roçado  
planta roça e o algodão  
Lá dentro nosso roçado  
planta o milho e o feijão  
Aqui Deus dá o sustento  
para nós comer o pão*

Outra canção marcante composta por Zé Canã sobre a desocupação é “Empresa tu sai daqui” na qual os Tremembé convocam a força dos encantados e a união do povo para resistir na luta pela posse das terras.

## Empresa Tu Sai Daqui

Zé Canã



Em- pre- sa tu sai da - qui Tu a - qui não fi - ca  
nã  
nã Em - pre- sa tu sai da - qui, Tu a - qui não fi - ca  
nã Com'a for - ça dos en - can - ta - dos com'a for - ça da u - ni -  
-ã  
Eu vou, eu vou, eu vou Nós vi - e'mo a - qui dan -  
-çar Nós so - mo'a - qui nós so - mo, so - mo in - dío Tre - mem  
bé Co - me ce - mo'a nos - sa lu - ta os ho - me'e as mu -  
lher Nós ta - mo a - qui lu - tan - do a - té quan - do Deus qui - ser.

Transcrição feita pelo autor.

*Empresa tu sai daqui,  
Tu aqui não fica não  
Empresa tu sai daqui,  
Tu aqui não fica não  
Com a força dos encantados  
Com a força da união  
Eu vou, eu vou, eu vou  
Nós viemo aqui dançar  
Nós somos, aqui nós somos,  
somos índio Tremembé  
Comecemo a nossa luta  
os home e as mulher  
Nós tamo aqui lutando  
até quando Deus quiser*

Até o término dessa pesquisa, pelo menos sete composições faziam menção à luta pela posse e demarcação da terra. Esse fato prova a ligação direta entre a terra e a existência dos povos indígenas. Além disso, enfatiza a relação de força e união criada pelo povo através do canto e da dança do Torém.

Mas não foi só a terra a grande inspiradora de Zé Canã, pois o compositor buscou inspiração em tudo o que observava. Outras canções consideradas muito relevantes dizem respeito a duas grandes riquezas das Terras Tremembé, sendo elas o murici<sup>6</sup> e o batiputá<sup>7</sup>. As duas composições a seguir figuraram entre as mais cantadas durante a festa do murici e são as mais lembradas entre as composições principais.

### Murici, Batiputá Zé Canã

Voice

Na nos - sa ma - ta tem mu - ri - ci, ba - ti - pu -  
-tá um ser - ve d'a - li - men - to ou - tro ser - ve pra cu -  
-rar, nós va - mos fa - zer o óleo do nos - so ba - ti - pu - tá  
o pes - so - al que vem de fo - ra to - do mun - do quer o - lhar. Na...

Transcrição feita pelo autor.

*Na nossa mata tem  
murici, batiputá  
Um serve de alimento,  
o outro serve pra curar  
Nós vamos fazer o óleo  
do nosso batiputá  
O pessoal que vem de fora  
todo mundo quer olhar*

---

6

Murici é a fruta do muricizeiro. Pode ser encontrada nas regiões litorâneas no litoral norte, nordeste e amazônica. Na T.I. Tremembé foram identificadas duas espécies de muricis, o murici comum (*Byrsonimia crassifolia* L. Kunt.) e o murici pitanga (*Byrsonimia aff. crassifolia* L. Kunt.). (André Luís Aires Pinto, 2016, p. 53).

7

Batiputá é uma pequena fruta que nasce em arbustos utilizada abundantemente pelos Tremembé que extraem seu óleo para alimentação e, principalmente, para fins medicinais.

## Tu Chama de Lá Que Eu Chamo de Cá

### Zê Canã

Voice

Nós so-mos ín-dio Tre- me- bê de São Jo- sé e Bu-ri-  
-ti, Nós so- mos ín- dío Tre- me- bê de São Jo- sé e Bu-ri-  
-ti. Nós ta- mu tu- do re- u- ni- do pa- ra ce- le- brar a  
fes- ta do sa- gra- do mu- ri- ci. Nós ta- mu tu- do re- u-  
ni- do pa- ra ce- le- brar a fes- ta do sa- gra- do mu- ri-  
-ci. Tu a- pan'ha de lá que'a- pan- ho de cá nós va-  
-mos fá- zer o ó'leo do nos- so ba- ti- pu- tá. Tu... -so ba- ti- pu- tá.

Transcrição feita pelo autor.

*Nós somos índio Tremembé  
de São José e Buriti  
Nós somos índio Tremembé  
de São José e Buriti  
Nós tamu tudo reunido  
para celebrar a festa  
do sagrado murici  
Nós tamu tudo reunido  
para celebrar a festa  
do sagrado murici  
Tu apanha de lá  
que apanho de cá  
Nós vamos fazer o óleo  
do nosso batiputá  
Tu apanha de lá  
que apanho de cá  
Nós vamos fazer o óleo  
do nosso batiputá.*

Além do Zê Canã, posso citar a índia Adriana Carneiro de Castro, umas das lideranças dos Tremembé da Barra do Mundaú, que também contribuiu com composições de músicas, retratando suas lutas e vivências. Uma dessas canções, considerada de fundamental importância no início da

luta no ano de 2012 contra a empresa espanhola já citada, exalta o padroeiro São José, que antes dava nome à aldeia. Na canção os Tremembé pedem poder e proteção ao santo.

## São José Manda Poder

Adriana Tremembé

Voice

São Jo - sé, São Jo - sé man - da po - der São Jo -  
 -sé, São Jo - sé man - da po - der, pois os ín - dio Tre - mem -  
 -bé tá pre - ci - san - do de vo - cê-----ê, São Jo -

Transcrição feita pela autora.

*São José,  
 São José manda poder  
 São José,  
 São José manda poder  
 Pois os índio Tremembé  
 tá precisando de vc  
 São José,  
 São José manda poder  
 São José,  
 São José manda poder  
 Pois os teus índios na aldeia  
 É pra nos defender*

Adriana relata a história de seus antepassados que conta sobre uma índia que tinha a estátua de ouro do São José. Quando os portugueses chegaram para quebrar e tomar tudo que os índios tinham, ela teve o cuidado de enterrar a estátua. No entanto, ela enterrou o Santo de cabeça para baixo, dizendo acreditar e, ao mesmo tempo, pedindo para que, enquanto ele estivesse de cabeça para baixo, ninguém conseguisse enraizar-se dentro daquela terra. Somente o fizesse quem nascesse e se criasse ali. Os de fora não conseguiriam ali permanecer.

Segundo sua análise, a história dos Tremembé faz parte dessa lenda. O processo de invasão, como foi dito, inicia-se com o Major Carneiro<sup>8</sup>, passando para Euclides Carneiro<sup>9</sup> que se

8

O sobrenome "Carneiro", que identifica um tronco familiar Tremembé, figura também entre os herdeiros ilegítimos do português José Maria da Silveira com Emília Batista Carneiro, uma indígena, de acordo com relatos dos Tremembé. (Ação Civil Pública, 27º Vara Federal).

9

Em 1939, todas as terras do Sítio São José e Buriti foram registradas em nome de Euclides Carneiro, um dos filhos ilegítimos de José Maria da Silveira e Emília Batista Carneiro, sem que nada se saiba sobre a parte que coube a seus oito irmãos (quatro legítimos e quatro ilegítimos). Após a morte de Euclides, sua esposa, Zulmira Souto Carneiro, adquiriu as terras por herança. Em 1976, Zulmira vendeu o imóvel São José ao senhor José Galvão Prata e esposa, Maria Luce Girão Prata. Este casal, por sua vez, vendeu as terras para o Consórcio Turístico Nova Atlântida, formado por um grupo de investidores espanhóis. (Ação Civil Pública, 27º Vara Federal).

dizia dono das terras, depois para o Prata, e deste para a empresa Atlântida. Nenhum deles, entretanto, conseguiu ter raízes nessas terras indígenas. Baseados nessa lenda, os indígenas começaram a compor músicas tematizando o nome de São José como padroeiro da aldeia.

Vale expor também a existência de composições de canções do Torém, nas quais a letra retrata grande diversidade de temas, que variam desde suas crenças, história, trabalhos e vivências, até a expressão do significado do ritual e o sentimento do índio Tremembé ao participar da dança.

## O Torém é Nossa Alegria

Adriana Tremembé

Voice

O to-rém é dan-ça'e lu-ta' O to-rém é nos-sa'a le-gria.

O to-rém é dan-ça'e lu-ta' O to-rém é nos-sa'a le-gri-

- a. Quan-do ba-lan-ça'o ma-ra-cá, min-ha al-ma se con-ta-gi-

- a'é por is-so que'u di-go Tre-mem-bé pra nós dan-çar to-do di-

- a'é por is-so que'u di-go Tre-mem-bé pra nós dan-çar to-do dia

O in-dio dan-ça na ma-ta' O in-dio dan-ça no mar

O in-dio dan-ça a-qui-----i, dan-ça'em qual-quer lu-gar

Transcrição feita pelo autor.

*O torém é dança, é luta,  
 O torém é nossa alegria  
 O torém é dança, é luta,  
 O torém é nossa alegria  
 Quando balança o maracá,  
 Minha alma se contagia,  
 É por isso que eu digo Tremembé  
 Pra nós dançar todo dia  
 É por isso que eu digo Tremembé  
 Pra nós dançar todo dia  
 O índio dança na mata,  
 O índio dança no mar,  
 O índio dança aqui,  
 Dança em qualquer lugar  
 O índio dança na mata,  
 O índio dança no mar,  
 O índio dança aqui,  
 Dança em qualquer lugar.*

### 2.4.3 O Ritual Torém

Não poderia falar da música dos Tremembé sem mencionar o seu principal ritual, o Torém. Isto porque o Torém não apenas dá nome à dança, como constitui um grande momento de celebração.

O torém constituiu, desde o início da organização política, o principal elemento de diferenciação para os Tremembé. Os outros grupos indígenas cearenses dançam o toré, mas a dança do torém é praticada somente pelos Tremembé. A dança constitui na formação de uma roda, no centro da qual ficam os “mestres” ou “puxadores do torém” que cantam as músicas e balançam a maracá, enquanto os demais participantes giram no sentido anti-horário. No centro da roda, também fica um grande recipiente contendo o mocooró<sup>10</sup>, que é consumido pelos participantes ao longo da dança. (Gondim, 2010, p. 39)

São vários os registros que relatam sobre a prática do Torém. Descrevo aqui a forma como aconteceu, durante a oitava edição da Festa do Murici e do Batiputá na T.I. Tremembé da Barra do Mundaú.

Na ocasião da festividade, a prática do Torém ocorreu sempre antes do início das atividades, geralmente pela manhã e no começo da noite. O grupo dos torenzeiros puxadores, geralmente composto pelas lideranças e instrumentistas, se concentra no centro do pátio formando um círculo. Este é responsável por dar o direcionamento rítmico, assim como determinar as músicas que virão em sequência. Enquanto isso, os demais dançantes, outros índios Tremembé ou mesmo visitantes que queiram participar do ritual, formam um círculo maior ao redor dos instrumentistas.



Figura 2 - Momento inicial do ritual Torém. Registro na data de 14 de janeiro de 2017 na T.I. Tremembé da Barra do Mundaú durante a VIII Festa do Murici e Batiputá.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os rituais sempre começam com a oração dos Tremembé. Após a oração, nas vezes que presenciei, iniciaram com algumas músicas, de composição própria dos Tremembé da Barra do Mundaú, com um ritmo mais arrastado e sem cadência. Nessas composições, os instrumentos percussivos acompanham apenas com rufados<sup>11</sup>, criando assim um envolvimento inicial de reflexão que antecipa o momento da dança.

---

10

Bebida fermentada à base de caju, também chamada vinho de caju. Em sua fabricação são usados cajus azedos, que são espremidos para a extração de seu suco, este é colocado em garrafas e deixado para fermentar, podendo ser guardado de uma safra a outra. (André Luís Aires Pinto, pág. 53)

11

Espécie de trêmulo executado com a baqueta sobre a pele de um instrumento de percussão de forma sucessiva e consideravelmente acelerada.

Essa iniciação do ritual acompanhada por rufos não tem duração pré-determinada. Fica a cargo dos puxadores, estenderem-se ou não na iniciação. Nas vezes em que presenciei o ritual, este primeiro momento teve uma variação de duração entre três e oito minutos. Nesse intervalo foram cantadas de duas a quatro músicas repetidas diversas vezes.

Após a oração e as primeiras músicas acompanhadas aos rufos, começam a ser tocadas as músicas dançantes. Na ocasião, o ritual durou de meia hora a quarenta minutos, quando foram cantadas várias das composições próprias, além de canções compostas por outros povos.

Algumas de letras mais curtas são aprendidas mais rapidamente e acabam sendo cantadas mais vezes, outras mais longas demoram um pouco mais a serem decoradas. Nesse sentido, ressalto o que se tornou um dos objetivos desse trabalho: o registro dessas músicas em CD no intuito de facilitar a aprendizagem das letras e melodias, a fim de ajudar a conservar a música para outras gerações. Esse registro será melhor detalhado no próximo capítulo onde é descrito o processo de gravação das composições próprias dos Tremembé da Barra do Mundaú.

Depois de terminado o ritual, iniciam-se as atividades previstas de colheita, pesca e competição. Entre as competições, podemos citar a de arco e flecha, corrida da tora e disputa com lança, todas divididas também em modalidades para crianças e adultos, homens e mulheres. As divisões de tarefas são feitas por comunidade.



Figura 3 – Competição de arco e flecha. Registro na data de 14 de janeiro de 2017 na T.I. Tremembé da Barra do Mundaú.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Durante o evento, cada dia teve uma comunidade diferente responsável pelos preparativos da festa, ato que mostrou a capacidade de união, cooperação e interação entre as comunidades dos Tremembé da Barra do Mundaú.

## 2.5 As Relações Entre os Sons e a Dança no Torém

Para os Tremembé da Barra do Mundaú a dança do Torém é uma manifestação cultural que fortalece sua identidade indígena. É justamente na música e na dança que está a maior diferença entre os Tremembé e os demais povos indígenas no Ceará, sendo os demais povos adeptos do Toré.

O Toré é um ritual indígena que envolve performance corporal e música, e se reveste de um sentido mágico-espiritual. Nas últimas décadas, tem sido um ponto focal de afirmação de etnicidade e marca diacrítica na luta por reconhecimento e conquista territorial dos povos indígenas do nordeste brasileiro, historicamente estigmatizados na figura do caboclo. (Cunha, 2008, p. 4).

O Toré é um ritual sagrado marcado pela musicalidade, que une toda a comunidade Potiguara e Parentes, em dança circular, harmoniosa, onde de forma sincronizada, seus corpos bailam trajados com adornos, colares, cocás, saias de jangada, brincos e além de pintados com de jenipapo e urucum. Tocam pífanos, tambores e maracas. Fumando cachimbos da paz e tomando o líquido precioso da jurema. A sintonia desses elementos promove a singularidade da ritualística que envolve cada indígena Potiguara. Com os pés na mãe terra, lançam em coro seus cantos, buscando proteção e agradecendo aos “espíritos de luz”, aos ancestrais e, especialmente, a Tupã. (Silva; Nascimento, 2013, p. 218).

A dança do Torém se difere do Toré, principalmente, devido ao seu ritmo mais lento. Esse fato reflete diretamente na quantidade de passos dados em cada cadência, pois é comum que a dança tenha seus passos desenhados conforme o ritmo que lhe dá origem.

No caso da música indígena esses passos geralmente compartilham a divisão rítmica tocada pelos instrumentos percussivos. No Torém, essa divisão rítmica se dá basicamente por dois instrumentos, o atabaque e o maracá, tendo, cada um, função específica no ritual (a função de cada instrumento está especificada no tópico 4.1).

Durante os dias em que estive na T.I. dos Tremembé da Barra do Mundaú, pude perceber a utilização da dança como uma ferramenta para união do povo, no seu reconhecimento pessoal como indígena e no fortalecimento de sua identidade.

### 2.5.1 Os Instrumentos e a Rítmica Utilizados

Sabe-se que os primeiros instrumentos musicais a surgirem foram os percussivos, isso faz com que seu uso esteja enraizado e seja indispensável nos rituais dos povos tradicionais até os dias de hoje.

O surgimento de novos ritmos pode acontecer de diversas formas. O encontro entre duas ou mais culturas é um dos grandes responsáveis pela diversidade cultural, tanto no âmbito musical como ritualístico. O fato é que, apesar das fusões e desdobramentos de uma cultura, alguns traços desta são indispensavelmente mantidos. Esses traços nos ajudam a perceber uma proximidade entre diferentes culturas, mesmo sendo praticadas por etnias e linhas ritualísticas diferentes.

No Torém é possível perceber uma forte proximidade rítmica e instrumental com a Umbanda. Essa proximidade pode ser encontrada não só na música, mas no que diz respeito às crenças espirituais e práticas ritualísticas.

As narrativas e práticas rituais que pude presenciar no grupo revelam-nos fragmentos de uma religiosidade indígena que, em meio à desarticulação da vida tribal, acabaram sobrevivendo e atualmente são contempladas no universo religioso da Umbanda. (Gondim, 2010, p. 20)

Nos dias em que presenciei os rituais do Torém, os instrumentos utilizados foram o maracá, o atabaque, e, eventualmente, o triângulo e o pandeiro, instrumentos mais presentes na apresentação do reso<sup>12</sup>.

O maracá<sup>13</sup> é o instrumento responsável pela marcação rítmica da dança, marcação esta que, no Torém, acontece sempre no contratempo. Outra utilização do maracá ocorre nos primeiros momentos do ritual, quando a música cantada é acompanhada apenas por rufos. Os sons produzidos pelos rufos dos maracás, nesse início de ritual, são responsáveis por criar um ambiente de total envolvimento de todos que compõem a roda.



Figura 4 – Maracá  
Fonte: Lauriane Tremembé.

Já o atabaque<sup>14</sup> tem sua divisão rítmica com mais batidas que a do maracá. Tais batidas coincidem com os passos da dança do Torém. Uma batida mais aguda no início do compasso indica o tempo forte, outras seis batidas mais graves marcam os demais passos da dança.



Figura 05 – Atabaque  
Fonte: Lauriane Tremembé.

---

12

Reisado, manifestação cultural com diferentes nomes no Brasil (Reisado de Caretas, Boi, Terno de Reis).

13

Maracá, do tupi, mbara-ká (BODIN, 1978), instrumento idiofônico, de forma globular ou ovóide feito com o fruto da cabaceira. Ele é usado para marcar o ritmo dos cantos nas cerimônias indígenas em geral.

14

Instrumento pertencente à família dos tambores fabricado em madeira no formato afunilado e coberto por pele. No Brasil esse instrumento está fortemente ligado aos rituais em religiões e manifestações afro-brasileiras, chegando a ser considerado sagrado em algumas delas.

The image shows musical notation for two instruments: Maracá and Atabaque. Both are in 2/4 time. The Maracá part consists of three measures, each containing a half note followed by a quarter note. The dynamics are p (piano) for the half note and ff (fortissimo) for the quarter note. The Atabaque part also consists of three measures, each containing a half note followed by a quarter note. The dynamics are ff (fortissimo) for the half note, p (piano) for the quarter note, and mp (mezzo-piano) for the next half note and quarter note in each measure.

Transcrição das batidas do maracá e do atabaque.

Na maioria das composições dos Tremembé da Barra do Mundaú é utilizado o compasso binário. A exceção são duas músicas, que não têm marcações rítmicas cantadas para iniciar o ritual. Nessas, não é possível perceber variação entre tempo forte ou fraco, nem determinar uma divisão de compassos. No período em que acompanhei o ritual do Torém o andamento variou entre as velocidades 77 e 86 e foi possível perceber a influência de algumas letras no andamento das músicas.

Varição maior acontece nas tonalidades em que as músicas são cantadas. Fato comum se considerarmos a ausência de qualquer instrumento harmônico durante o ritual. Fica a cargo dos puxadores, definir de forma natural em qual tom serão cantadas as músicas.

Sem conhecimentos teóricos e sem uma base harmônica, ocorre de, em alguns pontos culminantes, os cantadores não alcançarem as notas mais agudas ou mais graves, causando destonações e desafinações por conta de suas limitações de extensão de voz.

Falo aqui de tonalidade, visto que, apesar de tratar-se de arte indígena, a sua estrutura é influenciada diretamente pela música que é ouvida pelos indígenas, seja no rádio, televisão, internet, entre outros.

Vale ressaltar que esses pontos abordados por uma visão teórica não são válidos nem considerados relevantes, visto que o objetivo dos indígenas está unicamente voltado para a celebração do ritual, buscando a transcendência, a continuidade de sua cultura e o fortalecimento do seu povo, diante do sufocamento provocado pelo sistema capitalista que lhes impõe um modo de viver.

É admirável que, mesmo sem nenhum conhecimento teórico musical prévio, os Tremembé tenham composições com uma grande diversidade de linhas rítmicas e melódicas, variando ainda entre os modos maior e menor e com letras ricas em detalhes sobre sua terra, luta e cultura. Isso reforça o argumento apresentado pelos Tremembé, Zé Canã e Adriana Carneiro, de que, receberam do Pai Tupã tal inspiração para a composição das músicas.

### 2.5.2 A Dança do Torém

Como já foi dito anteriormente, a dança do Torém diferencia-se da praticada no Toré, principalmente, devido as características musicais empregadas serem diferenciadas. No Toré percebe-se uma marcação rítmica mais forte e mais rápida, limitando a quantidade de passos a serem dados.

Já no Torém, a velocidade reduzida do ritmo permite uma variação maior de passos, tendo como base as batidas do atabaque, que rege a marcação do tempo e distingue as pisadas fracas e fortes. A marcação do tempo forte na dança do Torém conta, ainda, com a variação do pé, que faz a marcação. Em cada compasso dançado ocorre a troca do direito pelo esquerdo e vice-versa.

Supondo que a primeira marcação, pisada mais forte, seja com o pé direito, esse passo tem a duração equivalente a uma semínima. Em seguida, ocorrem mais dois passos, o primeiro com o pé esquerdo e o segundo com o pé direito, com pisadas mais fracas em que ambos têm a duração equivalente a colcheias.

Visto que o último passo foi com o pé direito, no compasso seguinte é a vez do pé esquerdo assumir a posição de marcação do tempo forte, invertendo assim toda a disposição dos passos.

Outras características percebíveis na dança são as das mãos posicionadas para trás e a permanente forma de círculo, que gira em torno dos músicos, que compõem uma roda menor. As voltas em círculo seguem ainda uma mudança de direção, conforme as músicas cantadas.

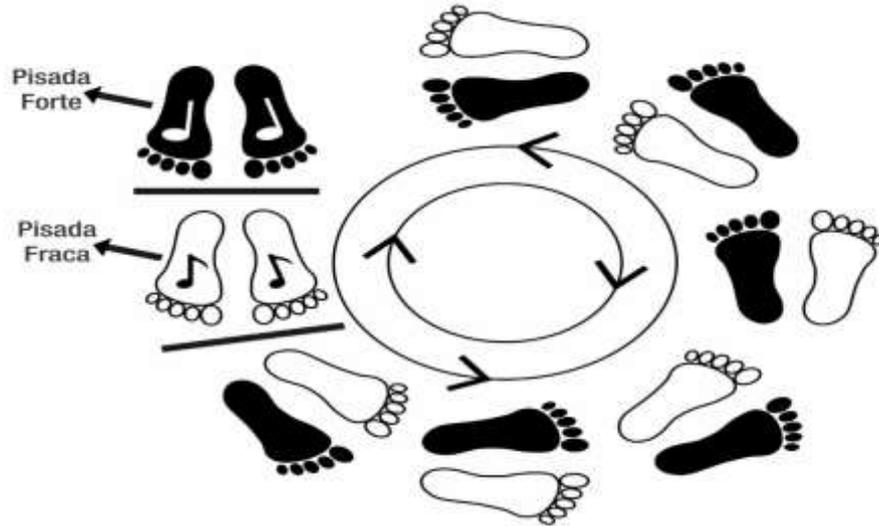


Figura 06 – Passos da dança do Torém

Fonte: Thiago C. Rodrigues (2017)



Transcrição em partitura dos passos da dança do Torém.

## 2.6 Sobre o Registro das Composições das Canções dos Tremembé

No dia 28 de maio de 2017 fiz a última viagem à T.I. Tremembé da Barra do Mundaú, para a finalização da pesquisa de campo e a concretização da proposta principal do trabalho: o registro das músicas compostas pelos índios Tremembé habitantes dali.

Na ocasião, contei com a colaboração de meu amigo Moésio Baltazar, profissional responsável pela montagem dos equipamentos de gravação, posicionamento de cada participante, e de todo o processo de gravação, masterização e mixagem das músicas.

Para a gravação, foram utilizados quatro microfones condensadores, uma mesa com componente Phantom para alimentar os microfones condensadores, uma placa de som Extreme M Áudio e o software Nuendo 4, instalado em notebook com processador iCore 5.

Utilizamos um posicionamento para gravação em formato de “ao vivo”, onde dividimos os quatro microfones da seguinte forma: dois grupos de vozes com quatro cantores, sendo um microfone para cada grupo, um microfone para captar o som dos quatro maracás e outro microfone para captar os sons do atabaque e do pandeiro.

No início, os participantes estranharam o método empregado, visto que seu ritual é livre e não necessita dos cuidados técnicos de uma gravação. Isso fez com que as primeiras músicas demorassem um pouco a serem gravadas. Após gravarem as primeiras faixas, ficaram mais à vontade e a gravação fluiu bem.

Participantes da gravação	
Lauriane Castro	Voz
Fátima Lourenço	Voz
Jamile do Nascimento	Voz
Raquel de Castro	Voz
Fabiana Carneiro	Voz
José Silvestre	Voz
Cleidiane Castro	Voz
Flaviana Silva	Voz
Keven da Silva	Maracá
Ezequiel Nascimento	Voz
José Rock	Violão
Maurício Lima	Maracá
Paulo César Carneiro	Maracá
Waldir Rock	Pandeiro
Maria da Paz Carneiro	Maracá
Mateus de Castro	Atabaque
Samuel de Castro	Voz e Triângulo

Apesar da utilização de recursos tecnológicos para gravação e edição, tivemos a preocupação de interferir minimamente na estrutura das músicas, evitando efeitos sonoros artificiais e nos limitando a fazer cortes de ruídos nos inícios e finais das músicas. Os únicos efeitos utilizados foram Fade In<sup>15</sup> e Fade Out<sup>16</sup>, no intuito de iniciar as músicas de forma suave e finalizá-las, reduzindo os volumes, a fim de expressar a continuidade das repetições, típicas de rituais.

Ao todo foram vinte e sete faixas, sendo uma oração e trinta músicas. A grande quantidade de músicas a serem gravadas acarretou em um longo período de tempo para o trabalho ser realizado,

---

15

Efeito aplicado visando o aumento linear do volume em um trecho pré-selecionado.

16

Efeito aplicado visando a diminuição linear do volume em um trecho pré-selecionado.

iniciando por volta das dez da manhã e estendendo-se até quatro horas da tarde. O cansaço causado pela extensão temporal causou certa rotatividade de alguns participantes que deram lugar para outros mais descansados.



Figura 07 – Posicionamento para a gravação das composições do povo Tremembé da Barra do Mundaú. Registro na data de 28 de maio de 2017.

Fonte: Foto do autor.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os índios Tremembé da Barra do Mundaú mantêm uma forte ligação com a terra e fazem questão de enfatizar sua dependência dela. Talvez por esse motivo, esse seja o tema mais retratado em suas canções e a razão principal para se manterem em constante cooperação uns com ou outros. Além disso, vi nesse povo uma constante preocupação em trocar contatos com outros povos indígenas, por se mobilizarem em viagens, inclusive para outros estados do Brasil, a fim de compartilhar conhecimentos ou em prol de alguma outra causa.

Sabe-se que a resolução da questão territorial indígena ainda demandará tempo e dependerá de governantes que tenham um olhar sensível para o direito e para as necessidades dessas etnias. Cabe aos povos indígenas a resistência e persistência para se manterem de pé ante as lutas que não de vir.

As quatro visitas que fiz à T.I. Tremembé da Barra do Mundaú foram fundamentais para obter muitas respostas e levantar muitos outros questionamentos a respeito de sua cultura. Entre as respostas posso citar: a vivência com a presença constante da música, assim como a constante composição de novas canções. Essa última constatação pude obter durante o processo de gravação das mesmas.

Um questionamento que carecerá de futuras pesquisas é a respeito dos significados de algumas letras que precisam de um prévio conhecimento do povo, de suas terras e crenças. Outro tópico a ser estudado posteriormente é o Reso praticado pelos Tremembé da Barra do Mundaú, brevemente citado neste trabalho e que necessita de longos estudos para ser descrito em sua complexidade.

Atento aqui para a importância do trabalho de campo e etnográfico, que me levaram a conhecer de perto e mais profundamente a realidade da luta e do modo de vida, que levam os Tremembé. Estar presente no meio do povo em estudo me permitiu indagações mais complexas, o que resultou em um trabalho mais amplo e relevante.

Mais do que a gratificação em concluir essa pesquisa, o objeto resultante deste trabalho me deixa extremamente orgulhoso em ter sido o responsável por produzir um material que será utilizado na escola indígena da comunidade, ajudando a transmitir de maneira mais prática as letras e melodias das composições do povo dali.

O CD com as composições dos Tremembé da Barra do Mundaú responde ainda a certa ansiedade do povo, em ter suas canções registradas a fim de que estas cheguem a outras gerações, ajudando a contar um pouco de sua história e a manter seu povo unido, pelo Torém, em prol de suas causas.

A cooperação do povo Tremembé foi fundamental para a realização desse trabalho, reforçando a ideia de que as lideranças dali estão abertas a articulações, que tragam benefícios para a comunidade.

Diante do resultado dessa pesquisa, fica a vontade de prosseguir com o aprofundamento e ampliação desses conhecimentos, seja com a descoberta de composições nativas de outros povos ou do próprio Zé Canã, que segue firme em suas inspirações recebidas do Pai Tupã.

## BIBLIOGRAFIA

- Barros, Claudio Zannoni; Santos, Maria Mirtes dos. (2012). A voz dos espíritos: uma abordagem sobre o maracá em sociedades indígenas do Maranhão. *Caderno de Pesquisa*, São Luís, v. 19, n. 2, p.27-32, 02 maio.
- Barroso, Oswald. (2008). *Reisado*: um patrimônio da Humanidade. Juazeiro do Norte, CE: Banco do Nordeste.
- Brasil. Constituição (2003). *Decreto s/n, de 05 de maio de 2003*. Homologa a demarcação administrativa da terra indígena Córrego João Pereira, localizada nos municípios de Itarema e Acaraú, no Estado do Ceará. Brasília.
- Cabral, Ana Cristina. (2014). *História dos Tremembé*: memórias dos próprios índios. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Camilo, Ana Sinara Fernandes; Silveira, Brunna Grasiella Matias. (2008). A regularização das terras indígenas no Ceará. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE DIREITO E ENCONTRO REGIONAL DE ASSESSORIA JURÍDICA UNIVERSITÁRIA, 21., 2008, Crato, CE. *Anais...* Crato CE. Universidade Federal do Ceará.
- Ceará. (2017). *História do Acaraú*. Governo Municipal de Acaraú. Disponível em: <<http://www.acarau.ce.gov.br/historiadooacarau.html>>. Acesso em: 24 jun. 2017.
- Cunha, Leonardo Campos Mendes da. (2008). *Toré da aldeia para a cidade*: música e territorialidade indígena na grande Salvador. 265 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Curso de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Funai. (2017). *Índios no Brasil*: modalidades de terras indígenas. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>>. Acesso em: 20 maio 2017.
- Gondim, Juliana Monteiro. (2010). *Não tem caminho que eu não ande e nem tem mal que eu não cure*: narrativas e práticas rituais das pajés tremembés. 175 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Curso de Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Grünwald, Rodrigo de Azeredo. (1999). *Os 'Índios do Descobrimento'*: Tradição e Turismo. 362 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Instituto Socioambiental. (2017). *Terras indígenas*. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/5086>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- Jaued, André. (2011). *Mundo Percussivo*. Disponível em: <<http://www.mundopercussivo.com/estudosepesquisas/conhecaosinstrumentos/maracá/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- Lustosa, Isis Maria Cunha. (2013). Turismo e povos indígenas na zona costeira do Ceará: entre impactos e acordos. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA. Fortaleza. REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE. Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: UFG.
- Lustosa, Isis Maria Cunha; Baines, Stephen Grant. (2016). *Turismo, carnicultura, usinas eólicas e outros projetos em territórios indígenas*: a luta dos povos indígenas no litoral do Ceará para a demarcação de suas terras. Fortaleza: Ruris.
- Melo, Juliana Barroso de. (2013). *O zoneamento ecológico-econômico costeiro como instrumento de planejamento sustentável do uso e ocupação do litoral*: análise de complexos hoteleiros no Estado do Ceará (Brasil). 360 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Curso de Geografia, Universidade de Barcelona, Barcelona.
- Oliveira, Renata Lopes De; Albuquerque, João Figueiredo. (2012). Torém: identidade étnica na luta política que perpassa o âmbito da educação escolar diferenciada indígena Tremembé. *Revista Ameríndia*, Fortaleza, v. 11, n. 1, p.6-17, out.

Pacheco, Tania. (2012). *Terras indígenas Tremembé são identificadas e delimitadas no Ceará*. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=6091>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Pinto, André Luís Aires. (2016). *Na nossa terra tem murici e batiputá: o conhecimento etnobotânico dos Tremembé sobre as frutas nativas*. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Curso de Ciências Sociais, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab, Redenção.

Ratts, Alecsandro J. P. (1996). *Almofala dos Tremembé: a configuração de um território indígena*. 22 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Curso de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

Schrader, Erwin. (2011). *Expressão musical e musicalização através de práticas percussivas coletivas na Universidade Federal do Ceará*. 397 f. Tese (Doutorado em Educação) - Curso de Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Silva, Paulo Roberto Palhano; Nascimento, José Mateus do. (2013). *Educação e movimentos sociais: registro do Toré Potiguara - a força da espiritualidade*. *Cronos*, Natal, v. 14, n. 2, p.216-221, jul.

Valle, Carlos Guilherme Do; Grünwald, Rodrigo de Azeredo. (2011). *Povos e Comunidades Tradicionais: entre índios Tremembé e trabalhadores rurais: historicidade, mobilização política e identidades plurais no Ceará*. Rio Grande do Norte: Raízes.